
A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DA MÚSICA CLARISSE: A PERSONAGEM E A VEROSSIMILHANÇA*

Mariluce da Silva Oliveira¹
Altamir Botoso²

Resumo: O objetivo deste trabalho é aplicar os conceitos da Teoria Narrativa e deixar evidente que a poesia pode trazer uma narrativa, que evolui e possui elementos estruturais próprios das formas narrativas, tais como personagens, tempo, espaço, ações, conflitos etc. Além de enfatizar que ações ficcionais podem ser associadas à procura de significado constante e incompleto sobre a própria existência através da escrita, e dessa forma salientar a ideia da verossimilhança em relação à realidade. E que mesmo em textos poéticos, é possível vislumbrar, na maioria das vezes, um enredo, uma história que é cantada, como acontecia com as epopeias gregas. Como objeto de análise escolhemos a música intitulada “Clarisse”, lançada postumamente em 1997 no álbum *Uma outra estação*, composta por Renato Russo em parceria com Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá, membros da banda Legião Urbana. Para tanto utilizamos teóricos como Aristóteles, Candido, Genette, entre outros.

Palavras-chave: Narrativa. Verossimilhança. Clarisse. Gênero Literário.

THE NARRATIVE CONSTRUCTION OF THE MUSIC CLARISSE: THE CHARACTER AND THE LIKELIHOOD*

Abstract: The objective of this work is to apply the concepts of Narrative Theory and make it clear that poetry can bring a narrative, which evolves and has structural elements typical of narrative forms, such as characters, time, space, actions, conflicts, etc. In addition to emphasizing what fictional actions can be associated with the search for constant and incomplete meaning about one's own existence through writing, and thus emphasizing the idea of verisimilitude in relation to reality. And that even in poetic texts, it is possible to glimpse, most of the time, a plot, a story that is sung, as happened with the Greek epics. As an object of analysis we chose the song entitled “Clarisse”, released posthumously in 1997 on the album *Uma Outra Estação*, composed by Renato Russo in partnership with Dado Villa Lobos and Marcelo Bonfá, members of the band Legião Urbana. For this we use theorists such as Aristotoles, Candido, Genette, among others.

Keywords: Narrative. Likelihood. Clarisse. Literary genre.

Introdução

Compreender o conceito de narrativa enquanto gênero textual, a partir de reflexões

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras. E-mail: marhyoli2013@gmail.com

*Artigo de conclusão da disciplina Teorias da Narrativa (2022/1).

²Professor de Língua e Literatura Espanhola, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –UEMS. E-mail: abotoso@uol.com

teóricas diversas não é um trabalho propriamente fácil, uma vez que é necessário entender e conhecer os elementos principais da narrativa, tais como narrador personagens, enredo, espaço e tempo, e a função de cada um destes elementos dentro da escrita literária. Somente após obtermos a capacidade de uma leitura mais atenta poderemos observar e entender as teorias narrativas sob uma perspectiva descritiva, analítica e crítico-interpretativo. Desta forma, após a leitura e o estudo de obras tanto em prosa com seus traços estruturais como os do romance, novelas e contos, assim como em outras linguagens mais expressivas, tais como o cinema, o teatro, a poesia e músicas, além das linguagens audiovisuais, histórias em quadrinhos que possuam elementos que nos permitam compreendê-las como narrativas, poderemos ter a capacidade de (re) conhecer os elementos que as formam e de analisá-las em textos literários narrativos diversos, e até mesmo em textos poéticos.

Romério Rodrigues Nogueira em sua resenha “Visitando o discurso e a cidade, de Antonio Candido” afirma que, para Candido, há uma organização da escrita literária em sua relação com a realidade social e com os princípios de representação:

O crítico recorre a esse processo como uma forma de apontar uma estrutura de significação que seja capaz de rearranjar os dados reais na tessitura do texto. Nesse sentido, a análise enuncia o contexto histórico e a forma artística, sem necessariamente recorrer a atitudes antípodas, como as teorias do reflexo – responsáveis por mostrar o texto enquanto um equivalente da estrutura social – e as análises formalistas – que praticam um exagero da perspectiva formal. (2017, p. 63)

Importante ressaltar que todo texto narrativo possui uma estrutura própria e recria uma realidade através da escrita, tendo por base a ficção narrada/relatada e retratada através de ações e de personagens que se ambientam em espaços e tempos que variam de uma obra para outra.

Sobre isso, Jonathan Culler (1999) corrobora acerca da constituição da identidade dentro de narrativas literárias e aponta que abordagens analíticas contribuem para a interpretação da narrativa literária e para a construção da identidade de leitores, através da oferta de diferentes pontos de vistas com os quais leitores se identificam e se reconhecem enquanto sujeitos.

Ressalta-se ainda que a ideia de verossimilhança em relação à realidade acontece sempre a partir de uma perspectiva pessoal, segundo a qual é possível considerar que a personagem se comporta de forma parecida com a vida e o real, isto é, mesmo sendo uma

representação, ela age/atua de modo semelhante às figuras humanas. Nesse sentido, Candido explica:

A verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção igual a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. [...] Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente. (2002, p. 04)

Além disso, apesar de não se referir diretamente a um gênero literário específico, mas a um tipo de representação bastante ampla, consideremos a afirmação dada por Aristóteles que resgata o conceito de verossimilhança interna de uma obra, como algo mais importante que a *mimesis*:

[...] não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa. [...] diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outros as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente ao universal, e esta ao particular. (1992, p. 117)

Para efeito de entendimento, faz-se necessário mencionar questões específicas da Teoria Literária que dizem respeito ao narrador, que pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados e, sendo um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens, enfatiza-se, contudo, que este não deve ser confundido com o escritor da obra, como define o crítico Yves Reuter:

O escritor é um ser humano que existiu o existe, em carne e osso, em nosso universo. Sua existência se situa no não texto. Ao seu lado o narrador –aparente ou não– só existe mediante o texto por intermédio de palavras. De qualquer modo, ele é um enunciador interno: aquele que no texto conta a história. (2002, p. 19)

Entendemos desta forma, que o narrador é quem produz o discurso e que é pela voz do narrador que nos damos conta e conseguimos entender quem narra a história, isto é, quem fala na narrativa. Isso nos auxiliará a entender sobre a música que será analisada neste artigo, pois ela apresenta um emissor, um enredo e uma personagem, cujo nome serve como título da canção. Estamos cientes de que a música enquadra-se no gênero lírico e se ocupa em

expressar emoções, sensações e as vivências de um eu que busca o sentido em várias coisas da sua própria existência. Nesse sentido, a voz representada de quem fala na música é identificada pelo eu lírico, e este pode ser aproximado do narrador, uma vez que verbaliza e expressa suas emoções, sentimentos, fazendo-nos recordar, em muitos aspectos, de um narrador em primeira pessoa e que conta a própria história.

Salientamos que, como a análise centra-se em um texto poético, vamos no referir ao eu lírico como voz lírica, como aquele que expressa/verbaliza suas sensações, opiniões e ações nos versos da música selecionada para este artigo.

Igualmente, o ambiente, espaço e tempo devem ser considerados parte do núcleo da narração, isto é, do discurso das palavras, pois o ambiente e espaço nos fazem compreender e reconhecer onde se desenrola a ação, sendo possível entender que os espaços podem ser caracterizados por espaço físico, social e psicológico. O tempo da narrativa é visto a partir da relação histórico-social que nos permite situar a época em que a mesma é contada e ainda captar o tempo da narrativa em sua dicotomia fundamental, ou seja, do tempo da narração ou do discurso recriado pelo autor e pelo tempo da diegese, isto é, tempo da fábula/enredo, o verdadeiro tempo da história.

De acordo com Genette (1995), é possível considerar três subdivisões em relação ao tempo: ordem (sucessão de acontecimentos de ordem temporal e pseudo-temporal), ou as anacronias (analepses e prolepses); as acronias (ausência à referência temporal) e as silepses temporais (agrupamentos anacrônicos); duração (falha na continuidade temporal) e frequência (refere-se à relação de quantidade de acontecimentos da diegese e ao número de vezes mencionadas no discurso narrativo).

O estudioso Yves Reuter (2002) pontua que em relação à anacronia por antecipação - prolepse (*flashforward*), assim como o fato de se iniciar uma história *in media res*, tem o intuito de chamar a atenção do leitor para aquilo que ainda irá ocorrer ou para aquilo que já aconteceu e será retomado pelo narrador. Enquanto as anacronias por retrospectão ou analepses (os *flashbacks*) objetivam explicar ou esclarecer algo passado ou vivido pela personagem. Tais recursos são utilizados pelos autores e possuem a intenção de aumentar o interesse e a curiosidade do leitor.

Em relação à(s) personagem(s) das narrativas, salienta-se que podem ser consideradas por várias perspectivas e por diferentes críticos, entretanto neste trabalho consideremos o embasamento dado por Aristóteles (1992), que ressaltou aspectos importantes sobre o

conceito de personagem e de sua função literária. Para este autor, a *mímesis* é a imitação do real e o mesmo aponta dois aspectos essenciais para a sua definição: “a personagem como reflexo da pessoa humana” e a “personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto”.

Essa afirmação de Aristóteles muito contribui para este trabalho, pois a análise será pautada em uma canção, cujo texto é poético, e apresenta uma personagem, que poderá ser estudada em relação aos aspectos verossímeis com os quais é construída o que nos permitirá vê-la como uma representação de uma figura feminina, com suas idiossincrasias e particularidades e que serão apontadas durante a análise.

Sobre a música como narrativa convém explicar que este gênero já há algum tempo é parte integrante dos conceitos e aspectos literários, pois se utiliza da linguagem verbal, através de uma elaboração similar ao trabalho com o poema, o que de fato contribui de certa maneira com uma leitura mais atenta e crítica, sendo um texto mais curto, construído esteticamente em versos, muitas vezes dividido em estrofes, e que pode possuir um enredo, uma história, além de conflitos e se desenvolver em espaços por meio de um ou mais personagens.

Comentados os elementos principais da narrativa, passemos ao objeto que este trabalho tem por intuito analisar, que será uma música como referido anteriormente. A partir do entendimento de que narrativas designam ação, isto é, o processo ou o efeito de narrar uma história, e em consequência possuem narratividade, isso também pode ser encontrado em uma composição poética, conforme já assinalamos.

Para este artigo, portanto, escolhemos analisar a estrutura narrativa e seus elementos sob a perspectiva do gênero musical. A música escolhida para a análise tem como título “Clarisse”, da banda Legião Urbana, e foi composta por Renato Russo em parceria com Dado Villa-Lobos na década de 90 e que discute alguns conflitos e, sobretudo sobre a necessidade de o indivíduo fabular sobre si – condição intrínseca e fundamental às questões humanas do autoconhecimento.

É prudente, contudo, enfatizar sobre a verossimilhança de acontecimentos ficcionais, que podem ser associados também à procura de um significado constantemente incompleto sobre a própria existência e que, de modo geral, é recorrente nos diversos gêneros textuais, isto é, assim como em textos poéticos, como é o caso da música em questão, e também nas produções em prosa.

1 Renato Russo, Dado Villa Lobos, Marcelo Bonfá: *os filhos da revolução*³

Renato Manfredini Junior nasceu no Rio de Janeiro, em 27 de março de 1960, em uma família de classe média. Filho de funcionário público, com uma professora de inglês, viveu dos sete aos dez anos em Nova York (EUA) com os pais e a irmã. Aos treze anos, retorna ao Brasil e vai morar em Brasília. Como todo adolescente, estudava e levava uma vida comum, entretanto, entre os quinze e dezessete anos, vitimado pela epifisiólise, rara doença óssea que o deixou um período grande sem se locomover, foi quando começou a compor letras e músicas em casa e criando seu projeto fictício de banda, antevendo seu futuro. Para o autor da sua biografia:

A poética de Renato ultrapassou o quadrilátero do Distrito Federal. A partir do segundo disco da Legião, ao ampliar a temática e abraçar temas intimistas e atemporais (amor, sexo, ética, religiosidade, vícios, desilusão), Renato se arriscou. Olhou para o espelho e encontrou uma janela. Saltou sem proteção, sem temer o impacto, sem medo da dor. Em vez de cair, foi direto para o topo. (MARCELO, 2016, p. 12)

O grupo musical Legião Urbana surgiu quando Renato se juntou a Marcelo Bonfá, Eduardo Paraná e Paulo ‘Paulista’ Guimarães, ainda em 1982. Ico-Ouro Preto também tocou guitarra em poucos shows do início da banda. No ano seguinte, Paulista e Paraná deixam a formação original, pois a verdade é que, ao longo da carreira, Renato soube se comunicar com maior desenvoltura com os fãs do que com os colegas de palco e assim Dado Villa-Lobos assume a guitarra.

Sobrinho-neto do maestro Heitor Villa-Lobos, o guitarrista e compositor Eduardo Dutra Villa-Lobos (Dado) nasceu em 29 de junho 1965, em Bruxelas, na Bélgica. Passou a infância ouvindo seu pai tocar piano clássico. Aos catorze anos chega a Brasília, depois de ter morado na Iugoslávia, Uruguai e França. Gostava de Caetano Veloso e conheceu o punk dos Ramones. Dado Villa-Lobos é músico, produtor, e foi integrante do grupo musical Legião Urbana:

Dado desiste de ir morar na França com o pai para ficar em Brasília cursando sociologia na UnB e tocando com a Legião. Longe de ser um virtuose da guitarra, Dado Villa-Lobos tinha começado a aprender tocando sozinho “Stairway to

³ Referência à biografia produzida por Carlos Marcelo, que narra de forma fluente e minuciosa, a transformação do adolescente Renato Manfredini Júnior em Renato Russo, um dos maiores ídolos do rock brasileiro.

Heaven”, “Smoke on the water” e outros itens da discoteca básica do rock. Duas coisas o impressionaram: ouvir o disco *It’s alive*, dos Ramones, e ver o Aborto Elétrico tocando no Food’s. (MARCELO, 2016, p. 215)

A banda de jovens de classe média faz parte de uma geração idealizadora que atravessou a utopia amorosa até a revolução do ato político das “Diretas Já”, momento em que perceberam que esta ideologia que os faziam viver não vingou fato que provocou um profundo vazio naqueles que buscavam mudar a realidade e as discrepâncias sociais em que o Brasil se encontrava na época. A Legião Urbana fez parte do período pós-ditadura com a confiança e expectativas que preenchiem parte do caminho pessoal e profissional de cada um deles. Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, traduziam no som básico de voz, baixo, bateria e guitarra a “ração diária entregue em casa” e a razão de esperança para um cotidiano outrora amargo, marcado pelo consumismo e outras mazelas, como a dominação de potências europeias com a imposição até mesmo de sua língua aos países subdesenvolvidos como é o caso do Brasil:

Em relação ao consumo, a denúncia é realizada por meio da letra musical *Geração Coca-Cola* (1985), de Renato Russo e interpretada pela banda Legião Urbana, essa se caracterizando por pautar as revoluções em suas músicas. No período da ditadura, a língua inglesa é inserida no Ensino Fundamental, além de vários produtos norte-americanos importados pelo Brasil. Nesse cenário, essa letra revela a resistência do sujeito em relação às imposições consumistas que justificam a própria denominação dos jovens da época pelo título dessa letra e sua relação com o gênero rock desse período. (PEREIRA, *apud* PORTAL COMUNICA UFU 2020)

De acordo com o filósofo Michel Foucault (1979), o sujeito se constitui pelas práticas discursivas sendo elas as relações de saber e de poder, e em processo de transformação. Partindo deste pressuposto, o sujeito jovem, dos anos 1980 e 1990 começa a utilizar o seu conhecimento e, sobretudo a sua rebeldia para materializar em forma de canções do rock brasileiro o que estes jovens chamaram “poder de revolução” diante da crise e dos cenários político, econômico e cultural do Brasil daquela época. De forma que este se configura a possibilidade de transformação por meio dos protestos através das letras críticas-ideológicas que repercutem até a atualidade, e que foram compostas pela Legião Urbana, Cazuza, Frejat, Titãs, entre outros.

Podemos concluir, portanto, que o mútuo processo de colaboração entre autor, texto e receptor é importante, pois darão o suporte para que a escrita seja vista como um objeto estético posteriormente, uma vez que há uma intencionalidade subjacente no início da

produção e que se adensa com o progredir da escrita do autor.

Depois de fornecer alguns dados que julgamos relevantes para que o leitor tenha acesso a alguns fatos importantes em relação à banda Legião Urbana e ao tipo de músicas que este grupo imortalizou, vamos focar a música “Clarisse”, canção que traz um relato desesperado e desesperador de uma adolescente e que faz parte de um álbum póstumo, lançado em 1997, pois o membro mais importante do grupo e líder da banda, Renato Russo, faleceu vitimado por complicações do vírus HIV.

2 “Clarisse”: sete minutos e meio de dor, angústia e solidão

Clarisse”- Legião Urbana

Estou cansado de ser vilipendiado
Incompreendido e descartado
Quem diz que me entende nunca quis saber

Aquele menino foi internado numa clínica
Dizem que por falta de atenção dos amigos, das
lembranças
Dos sonhos que se configuram tristes e inertes
Como uma ampolheta imóvel, não se mexe
Não se move, não trabalha

E Clarisse está trancada no banheiro
E faz marcas no seu corpo com seu pequeno
canivete
Deitada num canto, seus tornozelos sangram
E a dor é menor do que parece
Quando ela se corta ela se esquece
Que é impossível ter da vida calma e força

Viver em dor, o que ninguém entende
Tentar ser forte a todo e cada amanhecer
Uma de suas amigas já se foi
Quando mais uma ocorrência policial
Ninguém me entende, não me olhe assim
Com este semblante de bom samaritano
Cumprindo o seu dever como se eu fosse doente
Como se toda essa dor fosse diferente ou
inexistente

Nada existe pra mim, não tente
Você não sabe e não entende

E quando os antidepressivos

E os calmantes não fazem mais efeito
Clarisse sabe que a loucura está presente
E sente a essência estranha do que é a morte
Mas esse vazio ela conhece muito bem

De quando em quando é um novo tratamento
Mas o mundo continua sempre o mesmo
O medo de voltar pra casa à noite
Os homens que se esfregam nojentos
No caminho de ida e volta da escola
A falta de esperança e o tormento
De saber que nada é justo e pouco é certo
E que estamos destruindo o futuro
E que a maldade anda sempre aqui por perto

A violência e a injustiça que existe
Contra todas as meninas e mulheres
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço

Clarisse está trancada no seu quarto
Com seus discos e seus livros, seu cansaço
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
E esperam que eu cante como antes
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
Mas um dia eu consigo existir
E vou voar pelo caminho mais bonito
Clarisse só tem 14 anos

Composição: Dado Villa-Lobos / Renato Russo

A música “Clarisse” faz parte do álbum *Uma Outra Estação*, álbum pronto antes mesmo da morte de Renato, líder da banda. Ao ouvir atentamente este álbum, fica claro que o vocalista tinha “consciência” da sua partida, pois é um disco em que Renato, outrora com voz vibrante e entusiasmada, surge desafinado, com voz sôfrega, menciona dores da vida e suas emoções e também aspectos do seu tratamento, além de melancolia e depressão. Em outras palavras, o compositor de “Clarisse”, que se debruçou em suas últimas composições como se prenunciasse a própria morte e chegou a afirmar: “estou indo embora, deixo canções para vocês. Foi tudo muito legal, e não, não se esqueçam de mim”. Assim como em uma carta, também se despediu de seus fãs em 11 de outubro de 1996.

É relevante salientar que a personagem na ficção é suscetível às transformações sociais, estéticas e ideológicas de cada momento histórico. Lembremos então que a canção selecionada para estudo neste artigo pertence ao período da década de 90, período de início da liberdade jovem, da era digital e de fontes de informações mais acessíveis, em que muitos puderam utilizá-las como meio para questionar muitas coisas em que outrora se sentiam inseguros em fazê-lo, como por exemplo, questionamentos referentes à sua posição social, aos seus sentimentos, emoções, gostos, anseios e também sobre a própria sexualidade, em contrapartida, surgem também muitas dificuldades dos jovens em lidar com estas transformações e informações e até mesmo com seus próprios questionamentos e emoções.

Desta forma, é possível vislumbrar que a referida canção traz como tema principal o que tem sido considerado o mal do século, ou seja, a depressão e desenvolve o assunto de maneira analítica através da personagem principal, cujo nome vem como título da música em questão.

A fábula, ou seja, os elementos que conformam a matéria ficcional dentro da canção “Clarisse” centram-se no drama interior de uma adolescente de catorze anos, que sofre, se automutila e encontra-se trancada em seu quarto, com medo e isolada, em profunda melancolia e em estágio de avançada depressão.

Levando isso em conta, começemos então a análise de alguns elementos narrativos presentes na canção, começando pela protagonista, que neste caso é a própria “Clarisse”. Clarisse é a figura feminina que neste cenário de conflitos aparece inicialmente como uma garota frágil e que descobrimos somente ao final da narrativa, que possui somente catorze anos, mas que vivencia muitas coisas consideradas “fortes” e/ou “inadequadas” para esta idade.

A personagem é adolescente, triste, angustiada, depressiva, e isso podem ser comprovadas no seguinte trecho: “quando os antidepressivos não fazem mais efeito”. Isso evidencia que, implicitamente, ela faz/fez uso de substâncias ilícitas, que se automutila, pois “faz marcas no seu corpo com o seu pequeno canivete”, provavelmente por não possuir nenhuma perspectiva ou esperança em relação a sua condição humana, como podemos verificar através dos fragmentos: “nos sonhos que se configuram tristes e inertes”; “como uma ampulheta imóvel”; “é impossível ter na vida, calma e força” e “o mundo continua sempre o mesmo”. Nesses fragmentos, nota-se a solidão e a impotência de Clarisse em um mundo no qual ela se encontra como uma estrangeira, que não consegue estabelecer laços com outras pessoas, se isola cada vez mais e sofre trancada em seu quarto.

Clarisse vive um conflito dramático e pode ser também considerada como uma personagem anti-heroica, uma vez que:

O anti-herói pode ser caracterizado como uma entidade da narrativa que, tal como o herói, cumpre o papel de protagonista, ou seja, de personagem mais importante da história. Sua singularidade consiste em que o anti-herói protagoniza a narrativa a partir de suas características “negativas” em relação ao herói. Sua conduta ética ou moral é, de certo modo, “desqualificada”, suas ações podem movimentar a história a partir de uma posição de desvio em relação a padrões de conduta estabelecidos e aceitos na sociedade. (REALES e CONFORTIN, 2008, p. 28).

Neste sentido, a protagonista está totalmente envolvida em seu próprio mundo, vazio, o que a torna inábil e despreparada frente ao que seja considerado o padrão adolescente idealizado e aceito em uma sociedade ainda em transformação. Ela não se ajusta ao que se espera de um jovem na sociedade contemporânea e, por isso, sofre, busca o isolamento como uma espécie de autodefesa e, mais e mais, mergulha em um estágio depressivo.

Outro componente estrutural da narrativa que encontramos na música em análise é o espaço. Sobre este e sua importância, vale ressaltar que:

O espaço, dependendo das circunstâncias, pode representar amplidão, vastidão ou refletir um local mais íntimo e pessoal, um quarto, uma cela de prisão, por exemplo. Cada uma dessas representações reveste-se de significados que se estendem às personagens que habitam tais espaços. Ao espaço, portanto, agrega-se outra categoria narrativa que julgamos fundamental para a existência de um texto ficcional – a personagem, entre outras coisas. É também da junção do espaço e da personagem que o texto literário edifica-se e cria o efeito de verossimilhança, o qual permite ao leitor captar e compreender a história que é narrada. (BOTOSO, 2013, p. 02)

O enredo se desenrola em ambientes que podemos analisar como locais diferentes, mas que se conectam para tornar a “história” de Clarisse mais intrigante de certa forma, já que são espaços que podemos associar a locais sórdidos, ignóbeis, nojentos e até mesmo macabros. Os fatos se iniciam com a personagem “trancada no banheiro”, e não conseguimos identificar de forma clara se o banheiro aqui referido é o de sua casa, ou de alguma clínica, visto haver uma referência anteriormente e a seguinte menção da voz lírica: “não me olhe assim com este semblante de bom samaritano cumprindo seu dever como se eu fosse um doente”. Dessa Maneira, podemos inferir que neste momento a personagem esteja internada por conta do uso de drogas ou outras substâncias que lhe fazem sentir a “loucura presente”.

Observemos ainda a descrição feita pelo eu lírico em relação “ao caminho de ida e volta da escola”, ou seja, Clarisse é uma estudante, que se sente insegura e com medo, por conta dos homens nojentos, o que associamos ao abuso que a personagem pode ter sofrido ou ao fato de que abusos/estupros podem ter sido praticados contra ela por homens que fazem parte de seu cotidiano: “Os homens que se esfregam nojentos”. Além disso, a voz lírica também fala sobre ela estar “trancada em seu quarto”, local em que sente segura, porém infeliz, pois ainda há “a violência e a injustiça contra todas as meninas e mulheres”, além de usar a metáfora para enfatizar que por esses motivos se sente presa como um pássaro na gaiola.

Destaca-se que sem a análise perceptível e reconhecimento dos espaços, a experiência, a visão e o entendimento sobre o enredo tornam-se ainda mais complexos, visto o espaço ser complementar na percepção do leitor, dando sentido às situações apresentadas e vividas pela personagem.

Em relação aos ambientes e espaços pelos quais transita Clarisse, fica claro que, embora sejam lugares diferentes, os mesmos contribuem para que o leitor tenha uma compreensão mais acurada da situação da jovem e consiga realizar uma leitura sob a ótica da personagem, como se a intenção do autor fosse que o leitor “passeasse” e “sentisse” a partir destes espaços as sensações que a protagonista vivencia.

Sendo assim, é plausível considerarmos também que o tempo se manifesta de forma psicológica, pois não é possível identificar por quanto tempo a personagem vive nestes cenários de conflito interno e emocionais, ou seja, não é possível mensurar de forma cronológica, porque o enredo da canção não possui uma sequência de início meio e fim e,

além disso, a trama se desenvolve de maneira não linear e de modo peculiar, utilizando recursos de *flashback* (técnica que consiste em voltar ao tempo) e que seguem os impulsos emocionais da personagem. Esta técnica é usada em narrativas para criar um suspense ou um efeito dramático mais forte na história, ou ainda, para desenvolver um personagem, explicar a sua origem, as motivações que o levaram a tomar determinada atitude ou a agir de uma maneira ou de outra.

Destarte, as sensações e emoções vividas por Clarisse se acumulam sem cronologia e a lembrança é o bastante como efeito de sua consciência social e a sua infelicidade, por ainda não conseguir conviver em sociedade e nem estabelecer laços duradouros com outras pessoas/jovens.

Enfim, podemos então afirmar que é possível analisar um texto poético, desde que ele apresente elementos como personagens, espaço, tempo e que seja possível identificar através deles um enredo e seus conflitos, porque consideramos neste artigo que “Clarisse” é uma composição musical que traz como foco o relato sobre uma adolescente que está sofrendo, possivelmente se envolveu com drogas, foi abusada por homens, evidenciado uma realidade que ainda é bastante comum na sociedade brasileira contemporânea.

“Clarisse” representa, portanto, muitas adolescentes, que utilizam seus mesmos expedientes: automutilação, drogas, isolamento como autodefesa de agressões físicas ou psicológicas sofridas e também pelas inseguranças e medos próprios da juventude, os quais podem conduzir a estágios depressivos, que podem gerar autolesão, crises de ansiedade, usos de drogas lícitas e ilícitas, além de muitos outros problemas socioemocionais e de relações interpessoais entre outros agravantes piores, como as tentativas de suicídio.

Em resumo, estes elementos apontados geram o que os teóricos e críticos como Aristóteles e Antonio Candido nomearam de verossimilhança, uma verdade interna ao texto narrativo, isto é, a existência de uma lógica interna do enredo, provocada pela casualidade e que estrutura os fatos aqui relatados sobre o personagem através de uma linguagem coerente e que é verossímil ou provável de ocorrer no mundo em que atualmente vivemos.

Frisamos, portanto, que tanto o texto ficcional quanto o poético são representações, mas estes têm uma relação inextrincável com a realidade, chegando muitas vezes a refleti-la e espelhá-la a partir de abordagens que são capazes de evidenciar conflitos e dramas que assolam o cotidiano dos seres humanos e, no caso específico da canção analisada, verifica-se

uma recriação pungente e desoladora do mundo adolescente, com toda uma carga de sofrimento e solidão, que impactam o leitor, pela crueza e pelos detalhes que são mencionados a respeito da vida de Clarisse.

Considerações Finais

A música utilizada para estudo neste trabalho nos permitiu perceber que podemos analisá-la com base nos elementos da narrativa, uma vez que ela apresenta uma personagem sobre a qual se delineia uma história, que traz para o público (leitor ou aquele que ouve a canção) os seus dramas, as suas dores e os seus sentimentos, medos e o seu isolamento dentro de uma sociedade na qual cada vez mais impera o individualismo, o egoísmo e a solidão.

“Clarisse” faz parte do gênero musical, é composta em versos, e é um texto classificado como lírico/poético, contudo, relata uma história e possui os elementos básicos de uma narrativa, tempo, espaço, entre outros.

Ressalta-se ainda que a canção não foi escolhida por acaso, e sim pelo fato de conter uma temática bastante impactante, conflituosa e ainda muito atual, e que por meio da verossimilhança pudemos mostrar como os fatos vividos por personagens fictícios podem ter relevância e nos fazer compreender a realidade, muitas vezes obscura, mas que está diante de nossos olhos, ou seja, cada vez mais próxima a nós.

No caso deste trabalho, através da verossimilhança, pudemos associar a realidade de muitos jovens, que sofrem e se isolam, chegando muitas vezes a atitudes extremas como o suicídio e a autolesão, sem que esses fatores sejam notados, uma vez que permanecemos em uma sociedade ainda egoísta que não consegue (ou não deseja) distinguir o “eu” e o “outro”, a fim de estender a mão e auxiliá-lo. Uma sociedade apática diante das mazelas humanas, e com pouca ou sem nenhuma empatia, conforme se verifica com a jovem da canção estudada.

Sentimentos e ações que têm aumentado a partir do uso desordenado das novas tecnologias pelos jovens, que os fazem viver sem sair do próprio quarto, tornando-se alheios ao que acontece ao redor de si, e não só, mas principalmente os (as) adolescentes. Em suma, criam-se assim jovens com dificuldades e até incapazes de se relacionar e de saber conviver harmoniosamente em sociedade.

Portanto, espera-se que a partir dos comentários e análises efetuadas aqui, fique

evidente que mesmo uma música, que se enquadra no gênero poético, pode trazer em maior ou menor grau, elementos narrativos, assim como ser associadas através da verossimilhança, como na canção a qual nos empenhamos em analisar neste estudo.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992.
- BOTOSO, Altamir. *Uma jornada rumo ao autoconhecimento: o espaço no romance a paixão segundo G. H., de Clarice Lispector*. Recorte – revista eletrônica, v. 10, n. 1, 2013, p.1-13. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/755>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de ficção*. 10. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CULLER, Jonathan. *Narrativa*. In: CULLER, Jonathan. *Teoria Literária*. São Paulo: Beca, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: 5ª ed. Paz e Terra, 2017.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.
- LEGIÃO URBANA. *Discografia*. Disponível em: <http://www.legiaourbana.com.br/bio.html> acesso em 30 de jun. 2022.
- MARCELO, Carlos, *Renato Russo: o filho da revolução*. 1. Ed. São Paulo: Planeta, 2016.
- NOGUEIRA, Romério Rodrigues. Visitando o discurso e a cidade, de Antonio Candido. *Revista Contramão*. Nº 3. Teresina. 2017.
- PEREIRA, Anísio Batista *O discurso do rock brasileiro da década de 1980 e a ditadura militar no Brasil*. 15 de abr 2020. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticia/2020/04/o-discurso-do-rock-brasileiro-da-decada-de-1980-e-ditadura-militar-no-brasil>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- REALES, Liliana e CONFORTIN, Rogério de Lima *Introdução aos estudos da narrativa* Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.
- RUSSO, Renato. *Só por hoje e para sempre: diário do recomeço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VILLA-LOBOS, Dado. *Biografia*. Disponível em: <http://www.dadovilla-lobos.com.br/#/bio> acesso em 30 de jun. 2022.